

UM CONTO DE POE EM FORMA DE BALADA

Marcos SOUZA*

Resumo: Este artigo é uma primeira tentativa de sistematizar informações linguísticas a respeito de tradução de poesias. O que significa um poema e quão fiel é uma tradução? Costuma-se dizer que as traduções de poesia são como esposas: as bonitas tendem a ser infiéis; já as fiéis são feias. E o que dizer do fantasma que vive no interior de um poema? Transfere-se ele para a tradução? Estas questões são discutidas com o auxílio do poema *Eldorado* de Edgar Allan Poe e suas traduções para o espanhol, francês e português.

Palavras-chave: tradução, tradução de poesia, análise de poesia, *Eldorado* de Edgar Allan Poe.

A moral da Duquesa

*“Perhaps it hasn’t one.” Alice ventured to remark.
“Tut, tut, child!” said the Duchess. “Every thing’s got a moral, if only you can find it.”¹*

Encontrar a moral para o que quer que fosse dito era a prática obsessiva da Duquesa na aventura de Alice no País das Maravilhas. Essa pelo menos foi a conclusão de Alice na continuação de seu diálogo com a Duquesa: *“How fond she is of finding morals in things!” thought to herself.²*

* Doutorando em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina. Email: marcosnr@matrix.com.br

¹ CARROL, Lewis. *Alice’s Adventures in Wonderland*. Edição bilíngue inglês/francês. Paris: Les Langues Modernes, 1990, p. 200. (Salvo indicação contrária, as traduções para o português são de minha responsabilidade.)

- Talvez não tenha (moral) nenhuma – arriscou Alice.

- Deixe disso, criança – disse a Duquesa. – Tudo tem sua moral, é só a gente descobrir.

² CARROL, Lewis. Op. Cit. p. 200.

“Como ela gosta de ficar achando moral nas coisas, pensou Alice.”

Assumindo a idéia obsessiva da Duquesa, pergunto: “Qual a moral de um poema em sua língua original? Mantém-se essa moral na tradução? Estas são questões pertinentes à tradução de poesias e sua avaliação crítica. Pertinentes ao original e pertinentes à tradução como produto e imagem do original. Essa moral, a do poema, Michael Riffaterre denomina de *significância*,³ enquanto que eu prefiro chamar simplesmente de *fantasma*; sendo este (a preservação do *fantasma*), para mim, um dos principais critérios de avaliação crítica da tradução de poesias.

Neste trabalho, como objetivo, realizarei a avaliação crítica de uma tradução para o espanhol do poema *Eldorado* de Edgar Allan Poe e farei minha própria tradução para o português. Antes, porém, iniciarei com a análise deste poema.

Uma balada ao estilo de Poe

Há uma curiosidade, na língua portuguesa, com respeito ao poema *Eldorado* de Edgar Allan Poe: não conheço nenhuma tradução para o português. Mesmo a edição da Nova Aguilar, intitulada *Ficção completa, poesia & ensaios* de Oscar Mendes, onde era de se esperar que estivessem todos os poemas de Poe, omite *Eldorado*. No entanto, este poema é bastante popular nos Estados Unidos, fazendo parte de praticamente todas as edições dos poemas de Poe, sendo inclusive estudado nas escolas.⁴ Consequentemente, *Eldorado* deve ser desconhecido à maioria dos leitores de Poe, em português, no Brasil. No entanto, existe uma excelente tradução para o francês feita por Stéphane Mallarmé e publicada em suas obras completas pela editora Gallimard.⁵

³ RIFFATERRE, Michael. *Semiotics of Poetry*. Bloomington: Indiana University Press, 1978, p. 2-3.

⁴ O poema *Eldorado* é apresentado e estudado como um exemplo de balada em *Appreciating Literature*, volume da série Macmillan Literature Series, destinada à divulgação da literatura nas escolas americanas.

⁵ Em MALLARMÉ, Stéphane. *Oeuvres Complètes*. Paris: 1945, Gallimard, p. 187-222, encontramos traduzidos para o francês os seguintes poemas de Poe: *Le Corbeau*; *Stances a Hélène*; *Le Palais Hanté*; *Eulalie*; *Le Ver Vainqueur*; *Ulalume*; *Un Rêve dans un Rêve*; *A*

Transcrevo, a seguir, o poema, conforme publicado em *The Complete Poetry of Edgar Allan Poe* e editado por Jay Parini.

Eldorado

Gaily bedight,
A gallant knight,
In sunshine and in shadow,
Had journeyed long,
Singing a song,
In search of Eldorado.

But he grew old –
This knight so bold –
And o'er his heart a shadow
Fell as he found
No spot of ground
That looked like Eldorado.

And, as his strength,
Failed him at length,
He met a pilgrim shadow –
“Shadow,” said he,
“Where can it be –
This land of Eldorado?”

“Over the Mountains
Of the Moon,
Down the Valley of the Shadow,
Ride, boldly ride,”

Quelqu'un au Paradis; Ballade des Noces; Lénore; Annabel Lee; La Dormeuse; Les Cloches; Stances; Terre de Songe; A hélène; Pour Annie; Silence; La Vallée de L'Inquiétude; La Cité en la Mer; La Romance; Eldorado; Un Rêve; Israfil; Féerie; Le Lac; A la Rivière; Chanson; A M. L. S.; A Ma Mère; A M. L. S.; A F. –S. O.; A F.; Sonnet a la Science; Le Colisée; A Zante.

The shade replied, -
“If you seek for Eldorado.”

O primeiro passo para a execução da tradução de um poema é a familiarização com o mesmo e seu autor. Poe é um poeta por demais conhecido e, portanto, fixar-me-ei apenas no poema, concentrando-me em quatro aspectos: (1) leitura do poema e sua análise literária; (2) métrica; (3) aspectos particulares; (4) avaliação da tradução.

Pirâmide de Freytag

Eldorado trata-se de um poema narrativo e, portanto, conta uma história em verso. Originalmente este tipo de poema era conhecido como balada popular, cujos autores usualmente eram anônimos. Posteriormente surgiram baladas literárias, escritas por poetas e imitando as baladas populares, categoria na qual podemos incluir o *Eldorado* de Poe. Além disso, sendo Poe um exímio escritor de contos, consegue fazer uma balada com apenas vinte e quatro versos curtos, focalizando apenas as partes mais significativas e criando uma narrativa vívida, complementada por efeitos emocionais.

Para a leitura e análise da narrativa de *Eldorado*, utilizarei a Pirâmide de Freytag⁶ composta dos seguintes elementos: (a) *exposition*; (b) *narrative hook*; (c) *rising action*; (d) *climax*; (e) *falling action*; (f) *resolution*.⁷

⁶ Gustav Freytag foi um dramaturgo e romancista alemão do século XIX que, interessado na análise dos dramas e tragédias (clássicas gregas, alemãs e inglesas), escreveu um livro sobre uma teoria de análise dos atos que deveriam constituir um drama e incluindo um método de análise. Este método, ou identificação das partes de um drama, passou a ser denominado de Pirâmide de Freytag. O livro foi publicado em alemão em 1868 e em seguida traduzido para o inglês e publicado nos Estados Unidos em 1898. FREYTAG, Gustav. *Technique of the Drama*. Chicago: Scott Foresman, 1898, p. 114-140.

⁷ Dentre alguns livros em língua inglesa que mencionam a Pirâmide de Freytag, temos: BECKSON, Karl & GANZ, Arthur. *Literary Terms*. New York: Noonday Press, 1975, p. 85. GRIFFITH JR., Kelley. *Writing Essays About Literature*. Harcourt Brace Jovanovich Publishers, 1982, p. 25-29. Curiosamente, nunca encontrei um livro em português que fizesse menção à *Pirâmide de Freytag*.

Linhas 1-6

A primeira estrofe, formada pelas primeiras seis linhas, introduz um dos dois personagens da narrativa: um cavaleiro galante (*a gallant knight*), equipado com uma vistosa armadura (*gayly bedight*). Este cavaleiro tem como objetivo buscar o *Eldorado* nas mais diversas situações e lugares (*in sunshine and in shadow*), viajando todo o tempo (*had journeyed long*) e fazendo-o alegremente (*singing a song*), isto é, com boa disposição. O *mood* do poema é o entusiasmo, indicado pelo ritmo rápido e cantante do dímeter jâmbico. A história fixa-se no passado dos tempos medievais, conforme indicado pela palavra *knight*. Na *Pirâmide de Freytag*, estes primeiros seis versos correspondem ao que se denomina de *exposition*.

Linhas 7-12

O cavaleiro envelhece (*he grew old*) e é tomado por um espírito depressivo (*o'er his heart a shadow fell*) por não ter até então encontrado o *Eldorado* pelo qual tem buscado toda a vida. Sente-se desencorajado e deprimido, tornando-se o desencorajamento o *mood* desta estrofe, cujo ritmo se torna lento, em oposição a estrofe anterior, resultante do som fechado e longo da vogal /o/ repetida várias vezes no início da estrofe (*grew old, so bold, shadow*). O *narrative hook* ocorre com a preposição adversativa *but*, alterando o rumo da narrativa com um salto no tempo (envelhecimento do cavaleiro - *he grew old*) e dando início ao desenvolvimento (*rising action*).

Linhas 13-18

Surge o segundo personagem da narrativa (*a pilgrim shadow*), no momento em que o cavaleiro sente suas forças terminando. A pergunta “*Where can it be this land of Eldorado?*” leva a narrativa para o seu clímax, quarta etapa da *Pirâmide de Freytag*. O poema cria a expectativa de que agora se saberá o que é o *Eldorado* buscado pelo cavaleiro. Reflexão é o *mood* desta estrofe.

Linhas 19-24

Não existe *falling action* neste poema devido sua compacidade, passando do *climax* diretamente para *resolution*. O estranho personagem (*a pilgrim shadow*) responde enigmaticamente à questão sobre o Eldorado: “Pelas Montanhas da Lua ou pelo Vale da Sombra, cavalgue, corajosamente cavalgue, se você procura pelo Eldorado.” Embora enigmática, a resposta fornece um tom de encorajamento ao *mood* da estrofe.

Jogando tênis com rede

Antes de iniciar a tradução, existe a necessidade de se analisar a métrica, o ritmo, as rimas e a forma do poema, permitindo não só um conhecimento e uma melhor apreciação do mesmo, mas também uma avaliação correta do que poderá ser sacrificado e de seu impacto e consequências na tradução resultante.

Particularmente, a poesia inglesa utiliza uma métrica bastante própria, fundamentada na métrica grega, porém substituindo as alternâncias de sons curtos e longos por sons fracos e fortes, resultando no sistema métrico conhecido por *acentual-silábico*, uma evolução do sistema métrico *acentual-aliterativo* saxônico. Mais ainda, existe uma forte tradição por parte dos poetas ingleses e norte-americanos quanto ao domínio e utilização da métrica e Poe, certamente, é um deles. Seu conhecimento da métrica clássica está demonstrada em seus ensaios e seu domínio é atestado pelos seus poemas. Da mesma forma que os épicos homéricos são um modelo do uso e domínio de hexâmetros datílicos, *Os Lusíadas* o exemplo de utilização dos versos decassílabos, temos em *O corvo* de Poe a personificação, em forma de poesia, da utilização de octâmetros trocaicos cataléticos e acatéticos. Qualquer leitura e análise de poemas de Shakespeare, Wordsworth, Tennyson e até mesmo de Robert Frost, requer a identificação e análise de sua métrica, sem o qual corre-se o risco de apenas perceber-se parcialmente a beleza do poema.

Em *Eldorado* temos uma métrica irregular, basicamente formada por pés jâmbicos, mas apresentando inversões trocaicas, expansões anapésticas e sílabas extras. Estando a maioria dos versos formados por dímteros (versos de dois pés), resulta em um ritmo rápido e cantante para a narrativa, excetuando-se os versos 7, 8, 19 e 20, cuja mudança de ritmo é resultante do alongamento natural de algumas vogais como a vogal /o/ - *he grew old, this knight so bold* e *over the Moutains of the Moon*. A seguir apresento o poema totalmente escandido e com observações sobre as variações métricas (inversão trocaica, expansão anapéstica e sílaba extra) que ocorrem. Para um maior detalhamento da métrica inglesa, dois livros fundamentais sobre o assunto são o *Poetic Meter & Poetic Form* de Paul Fussel e *Poetic Rhythm – An Introduction* de Derek Attridge.⁸

Eldorado

| | |
|----------------------------|-------------------------------|
| - U / U - | |
| Gaily bedight, | Inversão trocaica |
| U - / U - | |
| A gallant knight, | |
| U U - / U U - / x | |
| In sunshine and in shadow, | Sílaba extra; exp. anapéstica |
| U - / U - | |
| Had journeyed long, | |
| - U / U - | |
| Singing a song, | Inversão trocaica |
| U - / U - / U - / x | |
| In search of El-do-ra-do. | Sílaba extra |

⁸ Harold Bloom, em seu livro *Como e Por Que Ler*, faz a seguinte observação sobre a métrica inglesa: “No que tange aos mais diversos aspectos de estrutura, organização formal, métrica e rima, em poesia de expressão inglesa, a obra indispensável, autoridade máxima, é o livro *Rhyme’s Reason: A Guide to English Verse*, de John Hollander.” (Tradução de José Roberto O’Shea) Não é verdade. Os dois livros citados acima e muitos outros como o *The Poem’s Heartbeat* de Alfred Corn, *All the fun’s in how you say a thing* de Timothy Steele e o clássico *A History of English Versification* de Jakob Schipper, são superiores. Qualquer pessoa que experimente estudar e dominar métrica inglesa com os livros citados e com o de John Hollander, escrito em versos, acabará por discordar de Harold Bloom.

- U / U -
But he grew old - Inversão trocaica

U - / U -
This knight so bold -
U - / U - / U - / x
And o'er his heart a shadow Sílaba extra

- U / U -
Fell as he found Inversão trocaica

U - / U -
No spot of ground
U - / U - / U - / x
That looked like El-do-ra-do. Sílaba extra

- U / U -
And, as his strength Inversão trocaica

U - / U -
Failed him at length
U - / U - / U - / x
He met a pilgrim shadow - Sílaba extra

- U / U -
"Shadow," said he, Inversão trocaica

U - / U -
"Where can it be -
U - / U - / U - / x
This land of El-do-ra-do?" Sílaba extra

- U U / - U
"Over the mountains Inversões datílica e trocaica

U U -
Of the moon, Redução métrica

- U / - U / U U - / x
Down the Valley of the Shadow, Exp. anapéstica; sílaba extra

- - / U -
 Ride, boldly ride,” Inversão espondaica
 U - / U -
 The shade replied, -
 U U - / U - / U - / x
 “If you seek for El-do-ra-do!” Exp. anapéstica; sílaba extra

Aspectos particulares

Por “aspectos particulares” denomino qualquer elemento, ou artifício, utilizado pelo poeta, tais como inversões sintáticas, ambiguidades, arcaísmos, jogo de palavras, etc., com força suficiente para dar uma caracterização própria ao poema. No caso de *Eldorado*, Poe utilizou um esquema peculiar de palavras, assemelhando-as a um enigma e montando um desafio ao leitor. As palavras utilizadas são *shadow* e *Eldorado* e ocorrem segundo um esquema fixo: *shadow* sempre no final do terceiro verso de cada estrofe e *Eldorado* sempre no final do sexto verso de cada estrofe. Adicionalmente ao esquema das duas palavras, temos que, no nível semântico, *shadow* é uma variável x que assume um diferente significado em cada uma das quatro estrofes, enquanto que, semanticamente, *Eldorado* é uma constante C , referindo-se à mesma entidade em todas as quatro estrofes. Porém, o mais curioso é que, ao nível de hermenêutica, *shadow* é uma variável de valor conhecido, enquanto que *Eldorado* é, na verdade, a grande variável do poema, pois toda a questão interpretativa reside em querer saber-se o que é este *Eldorado*. O reconhecimento deste jogo de palavras, armado por Poe, é fundamental por parte do tradutor para que possa preservá-lo na tradução e sua eliminação resulta na desfiguração do poema.

A moral do poema

Este é um aspecto delicado na análise e tradução de um poema. Para a Duquesa sempre haveria uma moral, mas, muitas das vezes, o sucesso de um poema está em possuir um fantasma com mais de uma moral. Visto pela ótica da teoria da relevância de Sperber e Wilson, o poema seria um

estímulo ostensivo que atua em nosso ambiente cognitivo, produzindo um ou mais efeitos contextuais.⁹ Tanto mais poético será o texto quanto mais fracos forem os efeitos contextuais e maior o seu número.¹⁰

A análise feita pelo tradutor com relação ao texto, organização linguística e literária, métrica, rima, ritmo e outros aspectos particulares (estranhezas e ambiguidades, por exemplo), terá como propósito não só fornecer um conhecimento do poema para auxílio da tradução, mas também para uma avaliação dos efeitos contextuais (múltiplos sentidos e significados) existentes no original, visando sua preservação. Esta análise deverá permitir ao tradutor avaliar o que poderá ser sacrificado, na tradução, sem afetar os efeitos contextuais, ou seja, mantendo-se preservado e cativo o seu *fantasma*. Um bom poema é o resultado de uma feliz combinação de vários elementos. A eliminação infeliz de um desses elementos poderá resultar na destruição do poema, como se tivessem cortado o fio errado do mecanismo detonador de uma bomba.

Traição espanhola – bela mas infiel

Na falta de traduções para o português, utilizarei, para análise crítica, uma das duas únicas traduções de que disponho. Feita para o espanhol, esta tradução foi publicada no livro *Edgar Allan Poe. Poemas Escogidos* com traduções de diversos tradutores e sendo a de *Eldorado* realizada por Francisco Soto y Calvo.¹¹

ELDORADO

Pomposo, espléndido, adornado
Un caballero, galante, armado,
En larga noche, o en largo día,

⁹ SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: Communication and Cognition*. Oxford: Blackwell, 19

¹⁰ SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Op. cit. p. 222.

¹¹ POE, Edgar Allan. *Poemas Escogidos*. Buenos Aires: Angel Estrada, 1944, p. 35-36. Tradução para o espanhol por vários tradutores e prólogo de Pedro Miguel Obligado.

Por dondequiera com alegría,
Iba indagando: “Quién conocía
La extraña vía de Eldorado?”

Pero, muy viejo ya se hacía,
El Caballero, que noche y día
De punta en blanco todo armado,
Miraba todo por dondequiera,
Sin que um momento consiguiera
Dar com la senda de Eldorado.

Y como él, com su constancia,
Le preguntar com su arrogancia
Hasta a su sombra ya cansado,
- “Sombra (le dijo), ¿tú has conocido
esse camino que yo he perdido
y va derecho hacia Eldorado?”

- “Por sobre selvas y montañas,
Con Sol y Luna, por extrañas
Regiones, cerca o alejado,
Cabalgas tú, com osadía,
Y me preguntas, todavía,
¿Dónde has de dar com Eldorado?”

Sem entrar em um detalhamento do vocabulário utilizado, uma leitura desta tradução indica três grandes diferenças para com o original. Primeiramente, houve uma alteração de ritmo devido o tradutor utilizar versos mais longos, decassílabos, e com isso obter um andamento mais lento em relação ao original que tem um ritmo bem mais rápido resultante dos dímeters, jâmbicos na sua maioria.¹² Em segundo lugar, desaparece, na

¹² O efeito rítmico desta tradução do *Eldorado* para o espanhol é o contrário do efeito obtido por Machado de Assis em sua tradução de *O corvo*. Enquanto na tradução espanhola de *Eldorado* o andamento rítmico é alterado de rápido para lento pela ampliação dos versos, em *O corvo* de Machado de Assis o andamento lento e solene resultante dos octâmetros trocaicos,

tradução, o uso sistemático da palavra *sombra* no terceiro verso de cada estrofe e assim o jogo de palavras estabelecido por Poe no original. Pior ainda, na segunda estrofe o *mood* é alterado devido a eliminação da passagem *and o'er his heart a shadow fell*, desaparecendo o aspecto sombrio do estado de espírito do cavaleiro. Na terceira estrofe o personagem misterioso e ambíguo representado por *a pilgrim shadow* é substituído pela própria sombra do cavaleiro e é a esta que ele dirige a pergunta, também esta alterada. Finalmente, tem-se uma alteração total na resposta dada pela sombra, perdendo-se o tom enigmático do original. Os lugares mencionados pelo personagem do poema original (*the Mountais of the Moon, Valley of the Shadow*) e que são junto com o *Eldorado* os dois grandes enigmas do poema, são substituídos pelo sol e lua literais. Adicionalmente, o tom de encorajamento e ambiguidade da resposta do misterioso personagem do original contrasta com o tom de reprimenda e questionamento da tradução.

Tomada isoladamente, a tradução não é um mal poema. Porém não é isto que está em questão. Como tradução, violenta o original por alterar seu significado. Sem dúvidas a *Duquesa* encontraria uma moral também neste poema, porém seria uma moral diferente da moral do poema original. As alterações introduzidas espantaram seu *fantasma* original e seu substituto não me parece a altura. Pelo menos não é mais um *fantasma* de Poe.

La belle fidèle

Contrariando a opinião comum, Mallarmé demonstrou, em sua tradução de Poe, que, quando se é bom poeta e bom tradutor, pode-se obter uma tradução fiel e bela a altura do original. Como se poderá notar, no texto a seguir, Mallarmé apenas alterou o terceiro verso da primeira estrofe, substituindo *in sunshine and in shadow* por *au soleil et par les ténèbres*. Esta é a única das quatro ocorrências chaves de *shadow* que o tradutor não utiliza

cataléticos e acataléticos, é acelerado pelos versos mais curtos e rápidos em português. Para uma análise da tradução de *O corvo* feita por Machado de Assis e de como este altera o ritmo, deve-se consultar o trabalho de Sérgio Luiz Prado Bellei intitulado "O corvo tropical de Edgar Allan Poe" e publicado em *Tradução: Teoria e Prática* (1991, p. 155-169) e que tem Malcom Coulthard e Carmen Rosa Caldas-Coulthard como organizadores. O que as duas traduções têm em comum, a espanhola de *Eldorado* e a de *O corvo* de Machado de Assis, é que ambas praticamente destroem o ritmo original estabelecido por Poe para estes dois poemas.

o equivalente francês *ombre*. Quanto ao ritmo, a leitura de cada verso, respeitando-se as pausas estabelecidas pelas vírgulas, permite reconstituir o andamento ágil do original.

ELDORADO

Gaiement accoutré, un galant chevalier, au soleil et par le ténèbres, avait longtemps voyagé, chantant une chanson, à la recherche de l’Eldorado.

Mais il se fit vieux, ce chevalier si hardi, et sur son coeur tomba une ombre, comme il ne trouvait aucun endroit de la terre qui ressemblât à l’Eldorado.

Et, quand sa force défailloit à la longue, il rencontra une ombre pèlerine. – “Ombre, dit-il, où peut être cette terre d’Eldorado?”

- “Par-delà les montagnes de la lune, et au fond de la vallée de l’ombre, chevauche hardiment, répondit l’ombre, - si tu cherches l’Eldorado.”

Feia mas fiel

Na falta de uma tradução para o português, e como exercício de tradução, realizei minha própria tradução. Antes, porém, convém apresentar algumas particularidades relativas ao processo tradutório. Primeiramente, a tradução somente foi realizada após conhecer e dominar, já por alguns anos, o poema original. Por conhecer o poema quero dizer que já o tinha estudado detalhadamente e memorizado ao ponto de, ao realizar a tradução, não necessitar consultar o texto escrito e nem precisar fazer uso de dicionário. Em segundo lugar, embora soubesse da existência da tradução de Mallarmé para o francês, somente a consultei após ter terminado a tradução, evitando assim qualquer influência.

Vejam agora os princípios que orientaram a tradução. Quanto a métrica, posso dizer que, conhecendo a métrica inglesa e a métrica do poema, sabia da impossibilidade de reproduzi-la para o português. Decidi então utilizar uma métrica própria da língua portuguesa e que produzisse um ritmo que mais se aproximasse ao original. A escolha incidiu sobre a redondilha maior (versos de sete sílabas poéticas). Com respeito a rima, apesar da regularidade encontrada no original, decidi que este seria o elemento sacrificado por não interferir nos efeitos do poema. As rimas que ocorrem no original são apenas de efeito eufônico, não tendo eu identificado qualquer associação com as possíveis análises e interpretações do poema.

O jogo de palavras com *shadow* e *Eldorado* são, em minha opinião, uma das características marcantes deste poema e Poe não as introduziu por acaso, devendo ter sido resultado de um processo racional e premeditado tal como o que ele decreve para o *O corvo*, em seu ensaio *A filosofia da composição*. A palavra *sombra* ocorre, portanto, na tradução, em cada terceiro verso de cada estrofe e somente na terceira estrofe ela não é a última palavra do verso. *Peregrina sombra* não me pareceu soar tão bem como *sombra peregrina* e depois pude constatar que também Mallarmé deu preferência a *ombre pèlerine* em lugar de *pèlerine ombre*. Diferentemente do que acontece na tradução para o espanhol, procurei manter a correspondência entre o significado da palavra *sombra*, na tradução, em relação a *shadow* do original. O mesmo acontece com *Montanhas da Lua* e *Vale da Sombra*, havendo uma correspondência contextual entre original e tradução, e a mesma ambiguidade resultante. Foi, dessa forma, respeitado o princípio: o que é ambíguo, permanece ambíguo.

ELDORADO

Belamente equipado,
Um galante cavalheiro,
Pela luz e pela sombra,
Cantando uma canção,
Cavalgava velozmente
A procura d'Eldorado.

Porém ele envelheceu,
O valente cavaleiro,
Dominado pela sombra
Do fracasso na procura
Desse lugar almejado
Semelhant' ao Eldorado.

Já findavam suas forças
Quando então el' encontrou
Uma sombra peregrina.
“Sombra”, ele perguntou,
“Onde posso encontrar
Um lugar com' Eldorado?”

“Pelas Montanhas da Lua,
Ou pelo Vale da Sombra,
Cavalgue, oh cavaleiro,”
A sombra lhe respondeu,
“Se deseja encontrar
Um lugar com' Eldorado.”

Concluindo¹³

Retornemos à idéia que iniciou este trabalho e que é o ponto aqui defendido quanto à tradução de poesia. Segundo a Duquesa da história de Alice, tudo tem uma moral e, da mesma forma, todo poema tem seu *fantasma*. Enigmático, fugidio, polêmico, indefinido, ele é o responsável pelo sucesso e sobrevivência do poema. O que é este fantasma? Um linguísta talvez o definisse como a *a forma de uma intenção na textura polissêmica escondida nas diferentes estratificações do significado*. Segundo Sperber e

¹³ Já tinha terminado este artigo quando fui informado pelo professor Walter Costa da UFSC a respeito da existência de uma tradução de Eldorado para o português, feita por Nelson Ascher. Esta tradução está publicada no livro *Poesia Alheia – 124 Poemas Traduzidos*, editado pela Imago.

Wilson, em seu livro *Relevance: Communication and Cognition*, é o efeito poético resultante dos vários efeitos contextuais fracos de um estímulo ostensivo que atua no ambiente cognitivo dos leitores. Acho que deve ser por aí.

Cada poema tem sua alma ou *fantasma*. Algo plasmático, incompreensível, indefinido, mas que dá vida ao poema, torna-o interessante, perene e que, muitas das vezes, é uma combinação feliz de idéias, palavras, estilo e sabe-se lá o que mais. A tradução que afugentar este *fantasma* estará destruindo o poema, e o leitor que ler tal tradução estará lendo outro poema. Resulta daí a grande questão quando se lê um poema traduzido. Deseja-se ler um novo poema ou simplesmente o poema original traduzido? Eu procuro pelo poema original e seu *fantasma*. Cada tradutor/leitor terá que fazer sua própria escolha.

SOUZA, M. A Poe's short story retold as a ballad.

Abstract: This article is a first attempt to systematize linguistic information about the translation of poetry. What does mean a poem and how faithful is a translation? Poetry translations, it is said, are like wives: the beautiful ones are apt to be unfaithful; the faithful ones, ugly. And what about the ghost living inside the poem? Does it move itself to the translation? All these questions are discussed by means of the Edgar Allan Poe's poem Eldorado and their translations to Spanish, French and Portuguese.

Keywords: translation, poetry translation, poetry analysis, Poe's *Eldorado*.

Referências Bibliográficas

APPELBAUM, Stanley (ed.). Edgar Allan Poe. **The Raven and Other Favorite Poems**. New York: Dover Publications, 1991.

ASCHER, Nelson. **Poesia Alheia. 124 Poemas Traduzidos**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.

ATTRIDGE, Derek. **Poetic Rhythm. An Introduction.** Cambridge University Press, 2002.

BECKSON, Karl & GANZ, Arthur. **Literary Terms.** New York: Noonday Press, 1975.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. O Corvo Tropical de Edgar Allan Poe. In: COULTHARD, Malcolm; CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa (org.). **Tradução:** Teoria e Prática. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991, p.155-169.

BLOOM, Harold. **Como e Por Que Ler?** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Tradução de José Roberto O'Shea.

BURANELLI, Vincent. **Edgar Allan Poe.** New York: Twayne Publishers, 1961.

CARROLL, Lewis. **Alice's Adventures in Wonderland.** Edição bilíngue inglês-francês. Paris: Les Langues Modernes, 1990.

CORN, Alfred. **The Poem's Heartbeat. A Manual of Prosody.** Ashland: Story Line Press, 2003.

COULTHARD, Malcolm; CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa (org.). **Tradução:** Teoria e Prática. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991.

FREYTAG, Gustav. **Technique of the Drama.** Chicago: Scott Foresman, 1898.

FUSSEL, Paul. **Poetic Meter & Poetic Form.** New York: McGraw-Hill, 1978.

GRAY, Richard (ed.). **Poe - Complete Poems and Selected Essays.** Vermont: Everyman, 2000.

GRIFFITH JR., Kelley. **Writing Essays About Literature.** Harcourt Brace Jovanovich Publishers, 1982.

HOFFMAN, Daniel. **Poe, Poe, Poe**. New York: Doubleday, 1972.

HOLLANDER, John. Rhyme's Reason. **A Guide to English Verse**. New Haven: Yale University Press, 2001.

MACMILLAN LITERATURE SERIES. **Appreciating Literature**. New York: Macmillan Publishing Company, 1984. O poema *Eldorado* é estudado como exemplo de poesia narrativa (p. 198-199).

MALLARMÉ, Stéphane. **Ouvres complètes**. Paris: Gallimard, 1945.

PARINI, Jay. **The Complete Poetry of Edgar Allan Poe**. New York: Penguin Books, 1996.

POE, Edgar Allan. Ficção Completa, **Poesia & Ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Não inclui o poema *Eldorado*.

POE, Edgar Allan. **Páginas Escogidas**. Buenos Aires: NEED, 1997. Tradução para o espanhol de Marcela Testadiferro de dez contos, vinte e seis poemas e quatro ensaios. O poema *Eldorado* não está incluído.

POE, Edgar Allan. **Poemas e Ensaios**. Rio de Janeiro: Globo, 1987. Tradução de Oscar Mendes e Milton Amado. Não inclui o poema *Eldorado*.

POE, Edgar Allan. **Poemas Escogidos**. Buenos Aires: Angel Estrada, 1944. Tradução para o espanhol por vários tradutores e prólogo de Pedro Miguel Obligado. Inclui o poema *Eldorado*.

SCHIPPER, Jacob. **A History of English Versification**. Oxford: Clarendon Press, 1910.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: Communication and Cognition**. Oxford: Blackwell, 1976.

STEELE, Timothy. All the Fun's in **How You Say a Thing. A Explanation of Meter and Versification**. Ohio University Press: 1999.

WARREN, Robert Penn. **Understanding Poetry**. Harcourt Brace College Publishers, 1976.

